Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO I • SÁBADO, 5 DE OUTUBRO DE 1957 • N.º 28

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA — TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 254 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL — V. R. S. ANTÓNIO

OS PROBLEMAS
da concentração urbana
E DA HABITAÇÃO

ACERCA da concentração urbana, problema que o JORNAL DO ALGARVE já focou no artigo intitulado «Vantagens da industrialização do Algarve», que mereceu o aplauso de alguns colegas algarvios, disse no Porto o sr. ministro das Corporações:

«Pensa-se que só combatendo, com energia e no terreno mais favorável, os excessos e os erros da concentração industrial — que tantos perigos sociais, políticos e morais envolve, como os factos vão por toda a parte patenteando — se oporá um dique poderoso a tão preocupante movimento, dia a dia robustecido com novos alentos derivados das circunstâncias ou da carência de medidas apropriadas».

Evidentemente que se impõem medidas para limitar o alarmante movimento de concentração urbana. Uma dessas providências consiste em não continuar a permitir-se que a indústria se localize na zona de Lisboa, já saturada das mais variadas instalações fabrís. Parte destas, distribuídas pelas terras de província, teriam assegurado estabilidade económica a algumas localidades e a garantia da limitação migratória das suas populações para a capital, onde os chefes de família esperam encontrar os meios de trabalho que escasseiam nas suas terras. E conquanto reconhecido este mal, a verdade é que continuam a instalar-se novas indústrias na periferia de Lisboa, com os inconvenientes por nós já apontados e agora confirmados pelas afirmações do sr. dr. Veiga de Macedo.

Um dos motivos que alenta também os provincianos a abandonarem as suas terras é a falta de recursos que muitas delas acusam; todos sentem a necessidade de apetrecharem melhor os seus filhos para a luta pela vida e um dos aspectos decisivos deste apetrechamento consiste na valorização técnico-pedagógica dos rapazes e das raparigas. Ora esta valorização não se obtém em todas as terras de província, e algumas delas bem importantes, como é o caso de Vila Real de Santo António, centro populacional de consideração, centro industrial e piscatório dos mais valiosos do País e quarto no montante da

Conclui na 6ª página

PREÇOS
nas lotas do Algarve

OS preços, por quilo de sardinha, em Julho, foram os seguintes: Portimão, 5$46; Lagos, 5$25; Vila Real de Santo António, 4$74 e Olhão, 4$26. À excepção de Olhão, todas as outras lotas algarvias pagaram a sardinha por preço superior à média geral das lotas do País, que foi de 4$51, por quilo.

No mesmo mês, os preços do biqueirão, também por quilo, foram os seguintes: Vila Real de Santo António, 5$17; Olhão, 4$40; Portimão, 3$99 e Lagos, 3$98.

No citado mês, as vendas em todas as lotas do País totalizaram: sardinha, 34.051 contos; carapau, 6.871; biqueirão, 13.344 e diversos, 8.838 contos.

ACERTE O RELÓGIO

Esta noite, antes de se deitar, atraze uma hora ao seu relógio.

SAUDOSISMO MUSICAL, OU...
VERDURAS
DOS «RITMOS» ACTUAIS?!

por ÁLVARO GUERREIRO

UM grande amigo meu, jornalista muito distinto, disse-me, a propósito de qualquer coisa que há tempos publiquei num jornal local, e depois de imerecidos cumprimentos: — «Escreva sempre que julgue necessário e oportuno. Deixe-se de acanhamentos. Verá que, depois, até sentirá, por vezes, a necessidade de escrever.» «Para mim — dizia o meu amigo — o escrever tornou-se já imprescindível.» E' claro que, salvas as distâncias entre as nossas capacidades jornalísticas, estando a minha na classe das medidas mínimas, eu ainda não senti a necessidade ingente de escrever. Tendo, porém, cedido à impulsão de amigos e indo, por vezes, parar às colunas da «Imprensa caseira»

Conclui na 6.ª página

Visado pela delegação de Censura

A ultrapassagem do Cabo Bojador pelo navegador algarvio Gil Eanes constituiu um dos maiores feitos do século XV. Até então, essa saliência do continente africano constituía um marco além do qual seria temeridade passar. Entrar-se-ia então, no dizer dos navegantes supersticiosos e medrosos, crentes em deuses e bruxas, num mundo de infernos e de pavores, do qual não mais se voltaria. Nenhum mareante ousava ir mais além do cabo maldito que marcava o limite das navegações do Ocidente. Foi preciso que um algarvio temerário, desprezando a vida e fechando os ouvidos às súplicas de medo dos seus companheiros e à crendice estúpida dos timoratos, investisse com a sua caravela pelo mar fora, para além do Bojador, para que de vez os pavores se desvanecessem, como se desvanece a neblina matinal na costa algarvia, quando o nosso sol deslumbrante e quente a trespassa com os seus raios de ouro e fogo.

Gil Eanes abriu a costa de Africa à navegação. E' isto que representa o quadro de Pedro Cruz, cuja reprodução publicamos e que foi encomendado ao artista pelo Ministério da Marinha.

E já agora, fazemos um apelo aos investigadores algarvios. De onde era Gil Eanes? De Lagos ou de Olhão? E' um ponto que nos parece obscuro e que convinha esclarecer.

FERRAGUDO DESEJA
QUE PARXAL
faça parte da sua freguesia

Vista geral de Ferragudo

FERRAGUDO — Está a ser organizada uma comissão de nacionalistas e bairristas para pedir superiormente a passagem do Parxal para esta freguesia, a que já pertenceu, mas da qual foi desanexado, passando para Estômbar. O Parxal fixa próximo de Ferragudo e muito distante de Estômbar, tanto assim que é servido pelas estações ferroviária e dos C. T. T. desta freguesia, indo um carteiro de Ferragudo diàriamente fazer ali a distribuição. Pretende-se que a extrema da freguesia passe pela fábrica Borges do Rego. A divisão que se pretende não prejudica Estômbar, que tem três aldeias importantes: Mexilhoeira da Carregação, Cabras e Calvário. Ferragudo, que é mais importante que Estômbar, pois tem maior rendimento comercial e industrial, ficará com o Parxal, visto que é este o desejo dos habitantes desta aldeia. Efectivamente, Ferragudo fica-lhes muito mais acessível para todos os actos da sua vida civil: casamentos, baptisados e funerais. Deslocando-se a Estômbar para qualquer destes actos, têm os interessados que perder um dia.

De resto, Ferragudo está a tomar um desenvolvimento comercial, industrial e turístico de certa monta e espera enveredar por senda mais progressiva quando se fizerem as obras interiores do porto de Portimão. — *C.*

PREVENÇÃO
aos produtores de milho

OS produtores de milho que desejem entregar este cereal à Federação Nacional dos Produtores de Trigo devem preencher prèviamente, no Grémio da Lavoura respectivo, a correspondente declaração de venda, a qual será aceite, no Algarve, impereterìvelmente até 31 do corrente.

ANIVERSÁRIO
da implantação da República

FAZ hoje 47 anos que se implantou a República em Portugal. Em várias terras do País esta data histórica será comemorada com diversas celebrações. Em Portimão, haverá hoje alvorada de morteiros e foguetes e às 20 horas, um jantar de confraternização republicana. Amanhã, às 11 horas, efectua-se uma romagem ao cemitério da cidade, para preitear a memória dos republicanos que ali repousam, entre os quais o que foi escritor ilustre e Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes.

Adubos para a Lavoura

No «Mira Terra» e «Zé Manel», entrados há dias no nosso porto, vieram 1.594 toneladas de superfosfatos, sulfato de amónio e outros adubos para a Lavoura.

Morreu a centenária
D. MARIA BÁRBARA
que há poucos dias, ouvida pelo "Jornal do Algarve"
nos confessou que a sua maior aspiração era tornar a ver os filhos ausentes há muitos anos

ESTAVA já composta a entrevista com a centenária D. Maria Bárbara, quando nos chegou a triste notícia do seu falecimento inesperado. Isso não impede que demos publicidade ao que nos disse e que de certo modo constitui a sua biografia, com o pormenor desolador da sua grande e terna aspiração malograda — voltar a ver os filhos ausentes. O funeral da simpática velhinha, realizado em Olhão, demonstrou quanto ela era querida da gente daquela vila.

Poucos dias antes de falecer, a centenária D. Maria Bárbara foi entrevistada pelo nosso correspondente em Olhão, manifestando o desejo de viver mais alguns anos, para ver os filhos ausentes

OLHÃO — Quando a visitámos, sentada no seu quintal, a Tia Bárbara comia um belo cacho de uvas e um pãozinho com manteiga. Era o dia do seu aniversário — 102 anos — e estava rodeada de pessoas amigas que tinham ido cumprimentá-la. Espantosa a lucidez e boa disposição de espírito desta centenária! Tendo nascido em S. Brás de Alportel, veio para esta vila há muitos anos e reside na Rua Dr. Paula Nogueira, n.º 50, com sua filha, sr.ª D. Prazeres da Silva Bentes, casada com o electricista sr. João do Carmo Bentes, mais conhecido por «Faz-Tudo». Como soubemos do seu aniversário, fomos vê-la e quisemos ouvir dela algumas palavras. Conquanto não seja olhanense, deve ser a pessoa mais velha que vive nesta terra. Já nos conhecíamos e, perfeitamente à vontade, disse-nos:

— Já sou muito velha — mas revelando plena lucidez, acrescentou: estive muito doente o ano passado e julguei ser o final da minha vida, pois nunca ainda tivera qualquer doença; sòmente a vista é que me vai faltando.

Sempre sorridente pergunta-nos:

— Está a escrever para a gazeta? — querendo aludir ao jornal — Diga que ainda vou viver até aos 110 anos. Sabe por que quero viver ainda muito? E' porque tenho três filhos no estrangeiro e nunca mais os vi desde que daqui partiram. Mas Deus não me quer levar deste mundo enquanto eles não venham a Portugal para me verem. Depois, posso morrer descansada...

A centenária ficou viúva aos 64

Conclui na 5.ª página

O PROBLEMA
da pesca do atum

Acerca do nosso artigo sobre a pesca do atum no Algarve, recebemos um bilhete de um técnico de armações, o qual afirma que, por incompetência, uma das nossas armações tem deixado de apanhar, nestes últimos três anos, atum num valor superior a vinte mil contos, peixe que tem sido visto e que se tem deixado escapar. O nosso correspondente indica-nos nomes de pescadores que podem testemunhar o facto.

OBRA DAS MÃES
pela Educação Nacional

Da nova Junta Central da Obra das Mães pela Educação Nacional faz parte, como vogal, a sr.ª D. Maria Isabel Roldan de Ramirez, nossa conterrânea, esposa do sr. eng. Sebastião Ramirez, deputado à Assembleia Nacional.

FOI AUTORIZADA
a lançar uma derrama
a Câmara Municipal de Faro

Para encargos hospitalares e respectiva assistência, foi autorizada a Câmara Municipal de Faro a lançar uma derrama, pela taxa de 4 % aos contribuintes gerais do Estado do mesmo concelho, mas apenas por um ano e cumulativamente com aquelas contribuições.

UMA CARTA
SOBRE PROBLEMAS DA VILA POMBALINA
que vale a pena tornar pública

DE um vilarrealense, há muitos anos ausente no concelho de Loures, recebemos uma carta, à qual vamos dar publicidade, porque o seu conteúdo, constituíndo um lamento e uma censura, pode ao mesmo tempo constituir um estímulo para as pessoas que não se julguem de todo incapacitadas para novos empreendimentos.

«...e ainda a notícia sobre a transferência da cadeia. Efectivamente, ali se podia instalar a biblioteca pública, como sugerem, melhoramento que há muito devia existir. Não há aí também motivo forte que obrigue o turista a uma visita mais demo-

Conclui na 6.ª página

A saúde
é a maior riqueza

COMO SE CONTAMINA A ÁGUA

Os ovos de parasitas dos intestinos do homem e dos animais são eliminados com as fezes. Quando a defecação se faz nas proximidades de fontes, nascentes, poços e lagos, a água muito provàvelmente ficará contaminada, podendo então propagar-se as doenças causadas por aqueles parasitas.

Livre-se das doenças intestinais causadas por parasitas, prevenindo-se quanto à água contaminada.

- 7 OUT. 1957

Imagens de FARO

por CASIMIRO DE BRITO

Pela Alameda

NA Alameda, o desabar da Feira acontece a conta-gotas.

A Feira terminou em fins de Agosto; Setembro está completamente gasto, e substancial quantidade das barracas continuam armadas. Barracas, essas, que poderão estar bem colocadas num recinto de feira, mas que perdem a totalidade da sua graça e utilidade num recinto de jardim. Porque a Alameda João de Deus já não é a Feira Popular de Faro. Já não é uma Feira... é um Jardim!

E o ambiente cálido e perfumado do nosso jardim, que desejamos apenas e simplesmente o mais natural possível, está a ser ferido por essa meia-dúzia impertinente de barracas que continuam por lá, adesivadas, com ar soturno de sentinelas adormecidas, à espera não sei de quê. Não basta já o que a Feira prejudicou a Alameda, com a inevitável plantação de estacas, mudança de bancos, assassínio de canteiros... senão ainda o prolongamento do martírio, pela presença desses espectros extemporâneos e nada agradáveis!

Ou será que é uma maneira barata de fazer publicidade às firmas que ainda por lá têm as suas barracas ou *stands?*

A Feira já acabou... Não será tempo de a desarmar?

Esta Rua do Matadouro

Rua do Matadouro, a eternamente martirizada! Tem o nome consigo, falando ou lembrando morte, e, entretanto, a desgraçada vai sendo apunhalada aos poucos.

Daqui ouço a lenga-lenga das picaretas de dois operários que se entretêm a fazer-lhe buracos e a tapá-los, depois, com uma camada de pedra e outra de terra vermelha. E recordo-me de que o mesmo aconteceu o ano passado, e o ano antes desse, e noutros anteriores também. O que me leva a crer que, daqui por outro ano, mais ou menos, a desgraçada será dotada com mais umas camadinhas de condimento.

Por esta rua, uma das mais, senão a mais abandonada da cidade, circulam diàriamente dezenas de veículos de toda a espécie. Basta dizer que nela existem nada menos de que quatro fábricas e um matadouro; isto corresponde à passagem quotidiana de carros e mais carros, rebanhos e mais rebanhos, pessoas e mais pessoas. Além disso, e este ponto é importantíssimo, é muitas vezes visitada por estrangeiros, homens de negócio em visita às fábricas referidas, e que ficam com uma má impressão do aspecto da primeira rua em que reparam, por força das circunstâncias. Não me admiro mesmo nada se eles afirmarem, de si para si, que em Faro há ruas que não parecem ruas, mas sim chiqueiros...

Seja verão, seja inverno, o seu estado é sempre lamentável: ou pó ou lama, ou boi ou vaca, como se costuma dizer!

Mas não falemos mais na pobrezinha, embora saibamos que é dela, dos que nela têm as suas fábricas, pelo menos, que a Câmara recebe anualmente uma parte substancial da sua receita...

... Em paga, todos os anos, para provar que não existe esquecimento, vêm dois homens com dois picaretos fazer-lhe uns remendinhos... e depois outro homem cobrar parte do remendo aos referidos industriais...

Será compreensível que se deixe assim ao abandono uma região (isso mesmo, região) essencialmente industrial e, por isso mesmo, merecedora de um pouco mais de atenção?

Compreensível não é, lá isso não, o que não obsta a que seja um facto, e continue a sê-lo... enquanto não acontecer o contrário.

Empregado

Precisa-se, com alguma prática de escritório e balcão. Indicar habilitações. Guarda-se sigilo.

Resposta a este Jornal ao n.º 569.

COMPARTICIPAÇÕES

para obras no Algarve

Pelo sr. ministro das Obras Públicas foram concedidas as seguintes verbas para obras: à Junta de Província do Algarve, para construção do edifício-sede em Faro, (reforço), 18.000$00; ao Lar da Criança de Portimão, para construção do Centro de Assistência Social Polivalente, 60.000$00; à Câmara Municipal de Portimão, para urbanização do agrupamento de Casas Económicas de Portimão 2.º (reforço), 104.637$00 e à Câmara de Faro, para abastecimento de água a Montenegro e praia de Faro (reforço), 71.159$20.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou à sua casa em Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. João Viegas Faísca, que esteve passando as suas férias na praia da Areia Branca.

= Tendo sua esposa, sr.ª D. Judite Machado Cruz, sido transferida para Moncarapacho, onde exercerá o magistério primário, mudou a sua residência para aquela localidade o nosso amigo sr. Virgílio Ramos Machado.

= Acompanhada de sua mãe e filhinha, retirou para Lisboa a sr.ª D. Rita Benta Valente, que durante algum tempo esteve prestando serviço na central telefónica desta vila.

= Vimos em Vila Real de Santo António os srs. cap. Jorge Ribeiro e José Baltazar, nossos assinantes em Tavira e Olhão, respectivamente.

= Regressou à sua casa de Tavira, depois de ter passado a época balnear em Monte Gordo, o nosso assinante sr. Francisco Araújo Ribeiro, acompanhado de sua esposa.

= Encontra-se em Faro o sr. Orlando Manuel B. Larisma, nosso assinante em Coimbra.

= Depois de uma viagem pelo Norte de Africa e Sul de Espanha, regressou a Faro o nosso assinante e anunciante, sr. José G. Oliveira, proprietário da Rádio Reparadora do Sul.

= De Manique do Intendente, onde esteve em férias, regressou à sua casa de Lisboa o nosso assinante sr. Nuno António Gabriel Bentes.

= Esteve alguns dias em Lisboa o sr. Jorge Pereira Nogueira, proprietário do Boletim da Lota e Porto desta vila.

= De Monte Gordo, retirou para a sua casa de Lisboa o nosso assinante sr. dr. Renato Mansinho da Graça.

= A fim de visitar seu filho Eduardo, que se encontra doente, seguiu para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. dr. José X. da Silva Cavaco.

= A fim de ocupar o lugar de professor da Escola Industrial e Comercial de Faro, seguiu para aquela cidade o nosso assinante sr. Fernando Guerreiro Mendonça.

= Acompanhada de seus filhinhos, retirou para a sua casa no Barreiro a sr.ª D. Maria Leonilde Viegas Pinheiro Silva, esposa do nosso amigo e assinante sr. Tomás Santana e Silva.

= Seguiu para Lisboa a sr.ª D. Maria Inês Viegas Alvares, filha do nosso companheiro de redacção Manuel Rodrigues Alvares.

= Encontra-se em Vila Real de Santo António o sr. Damião Carrilho Medeiros, nosso assinante em Lisboa.

= Regressou de Lisboa, onde esteve prestando serviço na central telefónica, a sr.ª D. Maria da Encarnação Solá Rafael, filha do nosso assinante sr. Fabiano do Carmo Rafael.

= A fim de continuarem os seus estudos, seguiram para Braga os srs. Vítor Teixeira Marques e Desidério António Rodrigues Rosa.

= Regressou de Estoi, onde esteve passando as suas férias, a professora sr.ª D. Adelina de Sousa.

= Seguiu para Lisboa a professora sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, nossa assinante nesta vila.

= Depois de ter passado a época balnear em Monte Gordo, regressou à sua casa, no Porto, o nosso assinante sr. Manuel Viegas da Fonseca.

= Esteve na Fuseta a nossa assinante sr.ª prof. D. Luísa Alves Nunes.

= Com sua família, regressou da Praia da Rocha à sua casa de Faro o sr. dr. Mário Lyster Franco, director do nosso colega «Correio do Sul».

= Acompanhado de sua esposa, já em franca convalescença, regressou a Faro o sr. dr. Hernâni de Lencastre, meritíssimo Juiz de Direito daquela comarca e nosso prezado colaborador.

= De regresso à sua casa em Lisboa, esteve em Vila Real de Santo António, com pouca demora, o sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico e nosso assinante na capital.

Gente nova

Num quarto particular do Hospital Marquês de Pombal, desta vila, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Ana Maria do Natal Capa Horta Correia Ramirez, esposa do sr. Frederico Manuel Sanches Ramirez, residente em Faro.

= Também no mesmo hospital, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Isabel Matias Fernandes, esposa do sr. João Vaz Velho Fernandes.

Casamentos

Em Setúbal, realizou-se, no passado dia 30, o casamento da sr.ª D. Maria Adelaide Frade, filha do sr. Francisco José Frade, gerente do sanatório «Vasconcelos Porto», de S. Brás de Alportel, com o sr. Manuel Medeiros Bravo, filho da sr.ª D. Maria Medeiros Bravo e do sr. Manuel Bravo Gomes, proprietário e nosso assinante em Vila Nova de Cacela.

Aos noivos, que seguiram em viagem de núpcias e fixam a sua residência nas Cevadeiras, desejamos as maiores felicidades.

Doentes

Encontra-se internado no Hospital do Desterro, em Lisboa, onde foi submetido a uma melindrosa operação, que decorreu com êxito, o nosso amigo e colaborador Manuel dos Santos Cabanas, por cujo rápido restabelecimento fazemos votos.

= Em Vila Real de Santo António, em casa de seus pais, encontra-se doente o sr. José Agostinho Socorro Queirós, nosso amigo e colaborador em Olhão. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

= Em Lisboa, tem estado bastante doente o sr. Eduardo Limon Cavaco, estudante da Faculdade de Direito, filho do sr. dr. José Xavier da Silva Cavaco. Desejamos-lhe boas melhoras.

ECONOMIA

A produção de milho no Algarve

DA colheita do ano findo foram recebidos nos celeiros da F. N. P. T. 11.907.998 quilos de milho produzido no Algarve. As entregas por grémios foram as seguintes: Albufeira, 277.916; Castro Marim, Alcoutim e Vila Real de Santo António, 265.400; Faro e Alportel, 3.708.590; Lagoa, 139.446; Lagos Aljezur e Vila do Bispo, 1.921.099; Loulé, 1.665.341; Portimão, 1.510.595; Silves, 1.047.825; e Tavira, 1.371.776. Em relação à produção continental, o Algarve entregou 13,47%, sendo ultrapassado pelo Minho, Beira Litoral e Douro Litoral, que fizeram, respectivamente, a seguinte percentagem de entregas, 28,45; 20,14 e 14,21.

Lota de Vigo

No mês de Agosto, foram vendidos na lota de Vigo 6.247.161 quilos de peixe, no valor de 49.793.141 pesetas. A espécie de maior rendimento foi o bonito (albacora), de que se transaccionaram 831.478 quilos, no valor de 13 milhões e 142 mil pesetas. Seguiram-se, por ordem decrescente, a pescadinha: 478 toneladas e 9.468.376 pesetas; pescada, 112 ton. e 4.182.166 pesetas; agulha, 1.048 ton. e 3.290.154 pesetas e o carapau, 1.112 ton. e 2.667.238 pesetas. De sardinha capturaram-se 411 ton., no valor de 1.117.242 pesetas. Desta pesca as fábricas de conservas absorveram 1.978.195 quilos.

Tratado com a Áustria

No tratado entre Portugal e a Áustria, que entrou em vigor no dia 1 do mês passado, foi estabelecido tratamento aduaneiro mais favorável para as seguintes mercadorias: figos secos, amêndoas, pinhões descascados, óleo de peixe, peixes preparados (em salmoura ou em óleo), em barrís, conservas de peixe (com excepção dos peixes em salmoura e dos peixes em geleia) em recipientes herméticos, conservas de azeitonas em recipientes herméticos, farinhas de peixe, cortiça em prancha e discos, pavimentos em cortiça, rolhas, palmilhas e outros artigos em cortiça, mesmo combinados com matérias finas.

A Espanha espera colher 120.000 a 140.000 toneladas de amêndoa

Começou a apanha da amêndoa na ilha de Maiorca, que dedica a esta cultura mais de 52.000 hectares, com seis milhões de árvores. Tem-se a impressão de que a colheita será muito satisfatória.

O número de amendoeiras em toda a Espanha é de 33 milhões e meio, ocupando uma superfície de 120.000 hectares.

Espera-se colher este ano de 120.000 a 140.000 toneladas de amêndoa em casca.

Pouca alfarroba em Espanha

Em Espanha, devido às geadas do ano passado, morreram muitas alfarrobeiras. Este ano, a amostra foi boa, mas a produção acusou uma baixa, devido às influências climatéricas. A falta de pensos e a fraca colheita de alfarroba devem provocar a alta desta. O preço por que tem corrido é de 4,75, o quilo.

Animatógrafo

OS ESTUDOS

Gozadas as grandes férias,
pensa agora em coisas sérias
o estudante;
vai ser dura a nova «etapa»,
a «meta» está bem distante
e ao «chumbo» nem tudo escapa...

Além do brio pessoal,
também conta o «capital»
dispendido.
Se a família não é rica
e o ano não for vencido,
quem pesaroso não fica?

Estudar, rijo e sem tédio,
é, pois, dever e remédio;
a «vitória»
espera, ao fim da «viagem»,
os «campeões» da memória,
da vontade e da coragem!

Quando o estudo exige ausência
das terras de residência,
saudosismos
chegam, doces, gratos, lentos
e invadem, sem derrotismos,
corações e pensamentos.

Lembra-se o lar, um sorriso,
um flirt *leve, impreciso,*
o adeus,
o sol, as praias, o mar,
a «raposa», e males seus,
e então... toca a trabalhar!...

OPERANTE

APETRECHAMENTO

da Central Elevatória de Águas DE LOULÉ

A Câmara Municipal de Loulé foi autorizada a aplicar na compra do equipamento necessário ao apetrechamento da central elevatória de águas da sede do concelho o saldo de 30.300$00 do empréstimo de 150 contos contraído na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em 20 de Outubro de 1956, com destino à aquisição de contadores volumétricos de água.

«JORNAL DO ALGARVE»

NÃO é muito do nosso agrado falarmos do nosso jornal, nem constantemente estar a buzinar os aplausos, quer verbais quer escritos, que nos dirigem. No entanto, não queremos deixar de transcrever, em atenção à velha amizade que nos liga aos nossos amigos cartaxeiros, a referência que vimos no nosso prezado colega «Notícias do Cartaxo»:

«JORNAL DO ALGARVE» — Acabamos de receber o n.º 26 do importante semanário daquela província, que sob a competente direcção do nosso querido amigo e brilhante jornalista, sr. José Barão, vem realizando obra notável a favor da região que defende. Com esplêndido aspecto gráfico e cuidadosamente escrito, «Jornal do Algarve» é, sem dúvida, um dos primeiros órgãos da Imprensa da Província. Para o seu director e demais colaboradores, os melhores votos de êxito e felicidades.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA DO ALGARVE

ACABA de sair o Boletim Informativo da Casa do Algarve, respeitante aos meses de Agosto e Setembro. A sua apresentação gráfica é esplêndida, recheado de gravuras e com largo noticiário não só referente à nossa casa regional como às diversas manifestações por ela promovidas ou nas quais interveio, e também acerca da vida da nossa província. Entre as «informações regionais» figura a notícia do aparecimento do *Jornal do Algarve,* e em termos que bastante nos sensibilizam. Insere na íntegra o dircurso que o sr. dr. José Guerreiro Murta pronunciou na romagem de saudade ao liceu de Faro.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Carmo,* Rua S. João de Brito, telefone 31.

Notas do Algarve

Portimão

de 26 de Setembro a 2 de Outubro

TRAINEIRAS:

Gracinha	10.500$00
Portugal VI	8.580$00
Anjo da Guarda	8.550$00
Mexilhão	1.020$00
Total	28.650$00

HOMENAGEM ao juiz-conselheiro DR. SOUSA CARVALHO

EM Castro Marim, realizou-se, no passado domingo, por iniciativa da Câmara Municipal, uma significativa e simpática homenagem, a todos os títulos justa, a um dos seus filhos mais ilustres, o sr. juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, prestigiosa figura da nossa magistratura. Interpretando os sentimentos da população do concelho, onde o homenageado é muito estimado pelas suas elevadas qualidades de carácter e inteligência, deliberara a municipalidade anterior, da presidência do sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, por proposta do vereador sr. Jacinto Celorico Palma, dar o nome daquele magistrado a uma das ruas mais importantes daquela vila.

A festa de homenagem foi extraordinàriamente concorrida. Além do homenageado e das autoridades civís e militares de Castro Marim e de Vila Real de Santo António, estiveram presentes ao acto as pessoas mais em evidência nos dois concelhos, tendo assistido individualidades de relevo na nossa província, amigos pessoais e muito povo. Abrilhantou a cerimónia a filarmónica local.

O descerramento da placa foi feito, a convite do presidente do Município, sr. capitão Lino Vaz Palma Antunes, por um sobrinho-neto do homenageado, filho do sr. Filinto Elísio da Silva Cavaco, tendo aquela autoridade proferido, na ocasião, um entusiástico discurso enaltecendo as altas qualidades do sr. dr. Sousa Carvalho e focando vários aspectos da sua acção não só como figura destacada da magistratura portuguesa, como antigo deputado e membro directivo da Casa do Algarve e do Montepio Geral, mas sobretudo como cidadão íntegro e impoluto, que honra a terra que lhe foi berço. Do acto foi lavrada uma acta, que foi lida pelo chefe da secretaria da Câmara, sr. António Valentim Moreira Parra, e assinada, seguidamente, pelo homenageado e por muitos dos presentes.

Após esta cerimónia, dirigiu-se o cortejo à rua dr. Oliveira Salazar, onde, por iniciativa dum grupo de amigos de infância, foi descerrada uma lápida na casa onde nasceu o sr. dr. Sousa Carvalho, tendo a menina Maria Matilde Rosa e Rosa procedido à leitura de um interessante discurso, alusivo ao acto, da autoria de seu avô, sr. Desidério de Jesus Rosa, grande amigo do homenageado.

Houve, depois, nos Paços do Concelho, uma sessão solene, na qual discursaram o presidente do Município e o sr. dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato, que proferiu uma alocução exaltando os méritos do homenageado.

No final, o sr. dr. Sousa Carvalho agradeceu, muito comovido, as celebrações com que foi distinguido, proferindo palavras de gratidão para todos os presentes e de apreço por Castro Marim e por Vila Real de Santo António, «terras que — declarou — reúne no seu coração, como se fossem uma única, pois é nelas que mantém as suas mais velhas e gratas amizades».

O *Jornal do Algarve,* que tem pelo sr. dr. Sousa Carvalho a maior admiração, cumprimenta-o muito afectuosamente e associa-se à homenagem que lhe foi tributada.

Vila Real de Santo António

de 26 de Setembro a 2 de Outubro

TRAINEIRAS:

Pérola do Guadiana	39.535$00
Leste	26.660$00
Raulito	10.490$00
Rajada	8.770$00
Aldita	3.650$00
Flor do Guadiana	2.250$00
Tozé	420$00
Total	91.775$00

Olhão

de 26 de Setembro a 2 de Outubro

TRAINEIRAS:

Leste	20.960$00
Total	20.960$00

Armação de Pera

de 26 de Setembro a 2 de Outubro

Valor da pesca neste período

Total	20.728$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 26 de Setembro a 3 de Outubro

ENTRADOS: «Colares», português, de 1158 ton., de Lisboa, vazio; «Belem», francês, de 1101 ton., de Faro, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Terceirense», para Ponta Delgada, com sal; «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Belem», para Olbia, com conservas; «Colares», para S. Malô, com minério.

O ensino no Algarve

Os professores auxiliares, srs. dr. Francisco Prudêncio Júnior e dr.ª D. Júlia da Conceição Pires Lopes, foram colocados, durante o ano escolar de 1957-1958, respectivamente, nos liceus de Portimão (7.º grupo) e de Faro (3.º grupo).

— Foi rescindido, a seu pedido, o contrato do aspirante do quadro do pessoal da secretaria do Liceu de Faro, sr. José Joaquim Neto, em virtude de ter sido contratado para o desempenho das funções de terceiro-oficial de idêntico quadro do Liceu de Setúbal.

— Foi publicada a lista de classificações dos candidatos ao concurso para provimento do lugar de aspirante do quadro da secretaria do Liceu de Faro.

— Foi nomeado o júri dos exames de admissão à Escola do Magistério Primário de Faro, que é assim constituído: presidente, sr. dr. Hortênsio Pais de Almeida Lopes; vogais, dr.as D. Ludovina Vieira Gomes e D. Joselda Fausta da Graça Fernandes.

— Foi autorizado o funcionamento dos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares femininos das escolas de aplicação anexas à do Magistério Primário, no concelho de Faro.

— Foi aprovado o termo de contrato do sr. António Dâmaso Rafael, para o desempenho das funções de mestre de Carpintaria e Marcenaria do quadro da Escola Industrial e Comercial de Lagos.

— Foram autorizadas a prestar serviço no distrito escolar de Faro, durante o próximo ano lectivo, as regentes do quadro de agregados do distrito escolar de Beja, sr.as D. Maria Carolina Anica, D. Maria Augusta Cortes dos Santos e D. Assunção Costa Torres.

— As professoras do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, sr.as D. Maria Irene Sequeira de Aragão Barros, D. Maria Helena da Silva Rosa, D. Maria Manuela Pinto de Espírito Santo, D. Nídia do Carmo Palmeira e D. Joana de Jesus Soares, foram autorizadas a prestar serviço, no corrrente ano lectivo, em idênticos quadros dos distritos escolares de Setúbal, a primeira, e de Beja, as restantes.

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15 %, 18 % e 42 % em pó e granulados.

SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ».

NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5 % de azoto (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal.

SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26 % de azoto (7 % e 19 % amoniacal).

NITRATO DE CAL — com 15 % de azoto nítrico.

CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó

SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

Escritórios:
Rua Victor Cordon, 19. 1.º-Lisboa
Telefones:
36 64 26 - 36 64 27 - 36 64 28 - 36 64 29
3 07 15 - 3 07 16 - 3 07 17
Telegs.: «Sapec» — Lisboa

SAPEC SETÚBAL

Depósito em FARO
Largo do Camões, 10
Telef. 253

CAFÉ - RESTAURANTE
JANELAS VERDES
de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Cerveja de barris
Mariscos - Vinhos Verdes
Serve almoços e jantares regionais
PREÇOS MÓDICOS
RUA DE AVEIRO, 37-39
Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ACTUALIDADES *** *DESPORTIVAS*

VELA

Provas internacionais de Lagos

Por o mau tempo não ter permitido, ficaram adiadas para amanhã as provas náuticas organizadas pelo Clube de Vela de Lagos, e que estavam integradas nas Festas do Dia do Homem do Mar.

ÂNGELO
volta ao Olhanense

O fogoso avançado-centro Ângelo volta ao Olhanense, depois de terem chegado a bom termo as negociações com o Lusitano de Évora. Desta maneira, domingo, o popular clube da vila cubista apresenta-se na Tapadinha com um bom reforço.

UMA NOITE
que podia ter sido brilhante

Organizado pelo Lusitano F. C., realizou-se no dia 1, um esplêndido baile do salão nobre da Capitania do Porto desta vila, gentilmente cedido para o efeito. É de lamentar que o público não tivesse sabido corresponder — primou grande parte pela sua ausência — à importância do espectáculo, denotando o desinteresse que tem pela causa lusitanista.

O conjunto «Jorge Brandão», demonstrando a sua excepcional categoria, brindou a assistência com uma memorável noite de belíssima música de dança, entusiasmando todos aqueles que tiveram a oportunidade de assistir. Todos os elementos primaram por uma execução magnífica, mas Fernando de Albuquerque e Jimmy conseguiram distinguir-se pela alegria e entusiasmo que empregaram nas suas exibições; estiveram inexcedíveis. Jorge Brandão, Couto e Lopes são, de facto, juntamente com os dois citados elementos, um conjunto musical de classe aparte.

Raramente entre nós se poderá assistir a um autêntico concerto musical de deliciosa música de dança, como o da noite de 1 de Outubro.

Uma agradável surpresa foi oferecida aos presentes, quando o conjunto executou um corridinho, da autoria do nosso conterrâneo e estimado colaborador, sr. Álvaro Magno Guerreiro, o qual se encontrava presente, sendo muito felicitado e aplaudido pela assistência,

Jimmy finalizou a sua exibição com o seu apreciado «Festival Madeirense», prosseguindo o baile, sempre na maior animação.

Actuando desinteressadamente, num gesto de cavalheirismo que é justo destacar, o conjunto «Jorge Brandão» é credor da simpatia de todos os vilarrealenses — daqueles que ainda sentem alguma gratidão pelo bem que alguém faz à colectividade da sua terra — especialmente do público desportista afecto ao Lusitano.

EM LAGOS
o futebol passou a mito

CUSTOU-NOS a acreditar a triste verdade, quando ao nosso conhecimento chegou. O Esperança de Lagos não concorre ao «Regional». Procurámos o motivo, embora o adivinhássemos, e foi a falta de meios para fazer face às despesas que tal originou. Infelizmente, é assim; para qualquer lado que nos voltemos, o quadro é sempre o mesmo. Os clubes em luta titânica pela sua sobrevivência, uns quatro carolas a aguentar o barco.

Mas desta vez o caso é de mais lástima, pois os lacobrigenses ou não ouvem ou não se impressionam com os gritos dilacerantes da sua colectividade em pleno desintegramento. Quem tal diria...

Lagos, uma cidade laboriosa, com milhares de habitantes, deixa que apaguem o seu nome do roteiro futebolístico. Não há ninguém que tome as directrizes do clube e o conduza ao bom caminho. Inglòriamente, sem luta, sem uma saudade ardente, conformam-se com a realidade. E' triste.

Festival futebolístico
para angariação de fundos
a favor das obras no "Campo F. G. Socorro"

A comissão «Pró-campo», do Lusitano F. C., leva a efeito, no dia 20 deste mês, um festival futebolístico, para angariação de fundos a favor das obras no «Campo Francisco Gomes Socorro».

O festival, em que se disputará uma taça, denomina-se Torneio-relâmpago de 1957, para clubes populares, e tem a comparticipação dos seguintes clubes: Beira-Mar, Celeiro, Guadiana e Leões do Sul (S. Bartolomeu).

Esperamos que, dado o fim a que se destina, todos os vilarrealenses encarem com carinho esta organização, não regateando a sua presença no futebol, e ajudando assim com o seu bilhete a obra a que a comissão meteu ombros e que só é de louvar, dado o aspecto de pobreza em que se encontra a sala de visitas onde são recebidos os desportistas que nos visitam.

● FUTEBOL ●

Comentários à: QUARTA JORNADA

O dia do Algarve, com o Farense em «herói»

Vaticínios à: QUINTA JORNADA

Quatro mais destacados, em busca de destaque...

por ANTÓNIO A. SANTOS

Olhanense, 5 — Juventude, 2

Ao intervalo 0-2

Golos de Sílvio (2), Venício (2) e Parra

Um «susto» para Olhão, este Juventude, vai para três anos. Desta vez, a tarde ensombrou-se... Mais: chegou a ver-se tudo escuro — quase em eclipse total. Os alentejanos chegaram a dois golos, «rolando com naturalidade» e com inteiro mérito no primeiro trecho da partida, inteiramente seu. Apenas um senão: não souberam defender a margem de dois tentos, que daria ocasião à «Bomba H» da jornada.

Depois... raiou o sol no Estádio Padinha. José João deve ter soprado forte e feio, e a nebulosa desfez-se por um «dia radioso». O Olhanense reatou, a mostrar que sabe jogar e, com três golos de boa centelha, «queimou» as esperanças dos eborenses. Seguiram-se duas expulsões e os visitantes, reduzidos a 9 homens, viram-se e desejaram-se para conter os «rubro-negros» que, sem pressas, em jeito e suavemente, selaram a contagem ao quinto golo, com notas da vitória mais robusta da jornada.

Sílvio, Costa, Venício e Reina são de citar, com um apontamento para Alfredo, que revelou aptidões para o lugar de defesa, dentro dos cânones do futebol moderno.

Serpa, 0 — Farense, 3

Ao intervalo 0-1

Golos de Balela e Remígio (2)

O Farense foi o «herói» do dia. Mais: fez ver que Campeão da Zona, dentro da época da sua vigência, ainda quer dizer algo. Que o diga o «Serpa», que como Campeão Nacional se rendeu ao jogo e aos golos, sem resposta para desfeitar a defesa algarvia.

Magnífica exibição dos «Leões de Faro», cuja equipa foi um bloco único e sólido, ganhando as palmas do triunfo e os adjectivos da crítica, unânime em reconhecer o mérito da vitória e que perder assim (com vista aos serpenses), não deslustra um vencido.

O Farense teve na quarta jornada o seu grande dia, assinalando um triunfo nítido e concludente da afinação dos movimentos de ataque e da atenção com que se houve a defesa, «presidida» por Vieirinha. Quando uma equipa vive hora e meia em tal plano de equilíbrio, as palmas de Serpa ou de qualquer outro burgo são o seu mais vivo adjectivo. Nomes? Todos como um só! Só um no seu todo — Farense!

Portimonense, 1 — Portalegrense, 0

Ao intervalo 1-0

Golo de José António

Sérias dificuldades teve o primeiro, frente ao último da classificação. A equipa algarvia dominou, mas o seu domínio está longe de querer dizer concretização. Uma «fotografia do jogo», este resultado, em que os Barlaventinos não estão nada favorecidos e, se há favores para alguns deles, vão para os portalegrenses, que procuravam a todo o custo flutuar acima do fundo da tabela, pela miragém dum empate. Todavia, se verificarmos bem, o resultado teve o seu quê de difícil; não se veja no 1-0 de Portimão resultado imerecido para o grupo da Rocha, pois a sua posição de «leader», nas altitudes da classificação, desperta em todos ânsia enorme de atirar abaixo...

Portalegre deve ter sido um grupo difícil, fechado na defesa e quase sem sentido de ataque, congestionando-se na zona de remate, em «brecks» constantes aos movimentos ofensivos dos Barlaventinos.

Dum lado, nervos em franja; doutro, nervos estriçados... É assim o futebol-campeonato, em que para além do «association» estão as convenções-leis da sua orgânica.

Jogos para amanhã

FARENSE - PORTIMONENSE

Eis um jogo de «leaders», com o seu quê de «ser ou não ser», como diria o poeta inglês. O triunfo do «guia» seria um voo mais alto para uma miragem imensa; a vitória do Farense colocaria o Campeão de Zona no trono de 1956/57. Assenta, precisamente, neste duplo anseio a partida de S. Luís, em que a fraternidade irá ser esquecida por hora e meia de futebol vivo, árduo e emotivo.

Qualquer das defesas tem apenas três golos sofridos, a atestar sabedoria e trunfo valioso para a «cartada» de Faro; também um e outro ataque «disseram» precisamente 8 golos na média de 2 tentos por hora e meia.

Pelo Portimonense, depõem duas saídas arrojadas, sem precalços, que lhe valeram as divisas de «comandante»; pelo Farense, o «colapso» de Olhão começa a ser «sarado», a a poder da meia dúzia de golos imposta ao «Almada» e ao «Serpa». Cremos, mesmo, que a partida terá um vencedor, pois um «nulo» seria o triunfo do Barlavento sobre o Sotavento.

A inclinação da «balança», nesta hora e meia, deve perturbar-se com o ambiente «casa», onde o Farense ainda não cedeu mais que um golo e zero pontos, inclinando-se o «fiel» para o lado da capital algarvia, sem grande expressão.

ATLÉTICO - OLHANENSE

Tapadinha à vista! Relvado em tapete vistoso, deslumbrante, mas traiçoeiro — eis um pormenor em que José João, tal como Jefferson já pensou 100 vezes...

A equipa de Olhão viaja encorajada pela certeza de Ângelo no eixo da ofensiva e vai discutir o jogo com excelentes pormenores de agrado e moral dos melhores — acreditamos. Mas a Tapadinha impressiona qualquer adversário, até porque o Atlético traz ainda saber da I Divisão, que não esqueceu de todo e procura revalidá-lo. Além disso, em casa, os lisboetas, como aliás todos os grupos, valem os 100 % da praxe, baseados na célebre frase pombalina...

O Olhanense irá lutar para vencer, está no seu programa, mas a sua vitória não encontrará grande favoritismo, até no meio afecto...

SELECÇÃO DA SEMANA

Isaurindo (Daniel)
Reina Ventura J. Maria
Vieirinha Reina
Costa J. António Remígio Realito Silvio

NÚMEROS:

Golos da jornada 14-10 com 9-2 para o Algarve
Golos totais 96-96 com 25-10 para o Algarve

FARO LISBOA EM NÚMEROS:

	J	V	E	D	golos	
FARO	12	10	0	2	25-10	20 pontos
LISBOA	12	5	2	5	24-22	11 pontos

GINCANA
em S. Brás de Alportel

S. BRÁS DE ALPORTEL — No Estádio Municipal, efectuou-se uma gincana de automóveis, «scooters» e ciclomotores, promovida pelo Desportivo Football Clube Sambrasense. As classificações foram as seguintes: Francisco Simão Luz, 1.º e 2.º prémios; 3.º, António Simões; 4.º. Carlos Miranda: 5.º José Mora Féria; 6.º, Carlos Manuel Gomes; 7.º, Ângelo Sousa Diogo; 8.º, António da Luz Modesto; 9.º Francisco Soares; 10.º, Manuel Vieira.

NEM SEMPRE
a correcção
é palavra vã

A NOTÍCIA é de se dar, embora há muito a tivéssemos de remissa, a aguardar as datas de entrega.

A secção de futebol do Lusitano F. C. vai ser galardoada pela F. P. F. — por informação da A. F. F. — com uma placa e medalha, pelo seu bom comportamento durante a época de 1956-57. E' de justiça. Numa III Divisão — vinte e seis jogos disputados — árdua e quesilenta como foi a zona D, é digna de nota a exemplar correcção dos jovens encarnados.

Mas este facto não é único dentro do popular clube. A secção de basquetebol, como há tempos noticiámos, também foi distinguida pela respectiva associação com uma taça, galardão da sua correcção e desportivismo. Factos desta natureza definem a índole dos bons desportistas.

Os dirigentes, técnicos, atletas e associados estão de parabéns!

Os prémios serão entregues nos primeiros jogos oficiais da época, pelas entidades competentes.

— BARDAHL —

A POSSE
dos novos dirigentes
da Associação de Futebol de Faro

No dia 8, pelas 21 horas, na sede da A. F. F., será conferida posse aos novos corpos gerentes eleitos e superiormente sancionados para o biénio 1957/58 e 1958/59.

Que os novos dirigentes tomem posse sob um bom signo, para bem do nosso futebol, são os nossos votos.

BASQUETEBOL
Torneio de abertura

Começou ontem a disputar-se a primeira prova oficial da época, para a modalidade de basquetebol — Torneio de abertura.

A A. B. F. organizou a prova, que tem a comparticipação de sete equipas: Sporting Clube Olhanense, Sport Lisboa e Faro, Sporting Clube Farense, Ginásio Clube Olhanense, Clube D. «Os Olhanenses», Clube de F. «Os Bonjoanenses» e Lusitano Futebol Clube.

A primeira jornada, realizada ontem à hora do nosso jornal estar na máquina, comportou os seguintes jogos: S. Lisboa e Faro-S. C. Olhanense e S. C. Farense-Lusitano F. C.

Para a 2.ª jornada, a realizar no dia 8, são os seguintes encontros: S. C. Olhanense-S. C. Farense e Ginásio C. O-C. F. «Os Bonjoanenses».

No dia 11 — 3.ª jornada — são disputados os jogos: Lusitano F. C.-Ginásio C. O. e C. F. «Os Bonjoanenses»-C. D. «Os Olhanenses».

Os jogos indicados em primeiro lugar realizam-se às 21,30 horas, e os catalogados em segundo, às 22,30 horas.

O PORTIMONENSE
acautela-se...

Por indicação de Di Paola, o Portimonense contratou o espanhol Mendaña, ex-jogador do Beira-Mar, de Aveiro e que também já treinou o Vianense.

O Portimonense, como actual *leader*, acautela assim a sua representação futebolística, devendo este elemento alinhar já, amanhã, contra o Farense.

CAPITALISTAS!!!

Desejam empregar o v/ capital absolutamente seguro? Consultem «A CONFIDENTE», que imediatamente lhes indicará a maneira mais prática e segura da s/ colocação, pois nos seus «dossiers» possui vários prédios para venda, tanto em Lisboa como nos arredores, a darem alguns deles o rendimento de 8 %. «A CONFIDENTE» encarrega-se gratuitamente de aluguéis e completa administração das propriedades adquiridas sòmente por seu intermédio. O seu QUARTO DE SÉCULO de existência é a melhor prova da sua competência, nas dezenas de transacções que realiza por mês.

A CONFIDENTE
(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA
Rossio, 3-2.º
(Ang. da R. Augusta)
Telefs. 21391-30257-367765-367767

PORTO
R. Passos Manuel, 14-1.º
(Ang. da R. Sá da Bandeira)
Telefs. 28721-27011-31309-31729

VENDE-SE
Piano Alemão
Marca RÖNISCH
(armação em ferro)
Informa-se nesta Redacção.

AGRADECIMENTO

EDUARDO SANCHEZ RAMIREZ e seus pais, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecem profundamente reconhecidos todo o carinho e amizade dispensados por ocasião do desastre e operação que sofreu.

Confiem nos óleos da CANFIELD
70 anos de experiência são a melhor garantia da excelência dos seus produtos

Distribuidores:
Sociedade Comercial Remus, Lda.
Rua do Comércio, 8
LISBOA

Wm. Penn MOTOR OIL

Agente em
Vila Real de Santo António
Viúva de José Joaquim Capa & Filhos
Rua Teófilo Braga, 19
TELEFONE 33

À venda em todo o País

Fábrica Mecânica de Cordoaria
CASA FUNDADA EM 1834
JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM
MANILA - SISAL - CAIRO
LINHO - ALGODÃO
MALHETAS - FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA - ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA TELEFONE 023034

BARREIRO

Os doentes intestinais melhoram!
As pessoas saudáveis evitam perturbações digestivas tomando diàriamente
IOGURTE
o alimento purificador por excelência!
Vende-se este produto, sempre fresco, em boiões de 2$50, no Café IMPÉRIO, em Vila Real de Santo António e na Pastelaria IMPÉRIO, em Monte Gordo.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Shell Portuguesa, S. A. R. L. requereu licença para instalar um depósito subterrâneo para gasóleo, com cerca de 10.000 litros de capacidade, e respectiva bombo auto-medidora, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito na Av. da República, freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta repartição, Av. Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa, 24 de Setembro de 1957.

O eng.-chefe da 2.ª Repartição,

António da Costa Macedo

FESTAS
a S. Luís, em Faro

FARO — Precedida de recitação do Terço do Rosário, com pregação nos últimos três dias, realizam-se amanhã solenes festas em honra de S. Luís, que constam de alvorada, Missa rezada com cânticos, bênção do pão de Santo António e sua distribuição pelos pobres do bairro de S. Luís, quermesse e corridas de sacos. Às 18 horas, terá lugar a tradicional procissão, com sermão ao recolher. Durante a noite, serão queimadas muitas e vistosas peças de fogo de artifício, preso e solto.

Cine-Foz

SÁBADO, o esplêndido filme italiano, extraído do célebre romance «A Mãe», **Proibido,** com Mel Ferrer, Lea Massari e Amedeo Nazzari. (12 anos).

DOMINGO, em Cinemascópio, a continuação de «A Túnica», **Demétrio, o Gladiador,** com Victor Mature e Susan Hayward. (17 anos).

TERÇA-FEIRA, **Tótó no Manicómio.** (17 anos).

QUINTA-FEIRA, **Juventude em perigo.** (17 anos).

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

«Jornal do Algarve»
Condições de assinatura

Continente e Ilhas

Série de 10 números	9$90
» » 20 »	19$80
» » 50 »	49$50

Ultramar, Brasil e Espanha

Série de 50 números	50$00

Estrangeiro

Série de 50 números	70$00

(De avião acrescem os respectivos portes)

Brrrrrr... Aqui está a marca dos meus sonhos
- PUCH -
Ciclomotores Scooters Motos
Informe-se, para esclarecimentos, junto de
MANUEL MONCHIQUE RIBEIRO ALVES — Telef. 249
Avenida da República, 81 — Vila Real de Santo António

CRONISTAS E CONTISTAS
de ontem e de hoje

O SONO

por JOSÉ RABAÇA

COM os pés roxos em dias nevados, pretos em dias soalheiros, o Sono aparecia sempre com os olhos esbugalhados de espanto pelo que via e pelo que ouvia.

Ainda era novo, quando lhe deram pela tara.

— Pai bêbado, mãe sifilítica...

Assim veio ao mundo.

Imprestável, incapaz de fazer qualquer coisa útil, breve ficou com a mesma categoria do cão rafeiro, com o inconveniente de ter o sono pesado. Dormia toda a noite, das oito às oito. E, às vezes, estendia-se ao sol e ainda encontrava reservas para fazer a sesta. Quando acordava, abria a bocarra, sacudia a cabeça de compridos cabelos e fazia estalar os ossos com jeitos que dava ao corpo.

E a mãe bradava, num tom que uns queriam que fosse colérico e outros carinhoso:

— Olha o Sono...

Ficou o Sono.

Partia logo que acordava, serra em serra, na sua continuada pregação. Às vezes, falava aos homens. Mas preferia falar aos bichos. Aos pássaros, mais que a todos.

Os homens ouviam-no para o gozarem, para no fim lhe fazerem perguntas, tão desnecessárias como inoportunas. E era raro o dia em que, acabado o sermão, não se punha em fuga perante as pedradas do rapazio, que o corria gritando:

— Eh, doido! Eh, Sono!

Já as ovelhas eram melhores auditores. Apenas a incapacidade de se concentrarem para o ouvir o deixava um tanto confuso.

E' certo que não berravam, quando ele falava. Mas continuavam a pastar, juntando assim o útil da erva ao que de agradável tinha o pregador.

Outra coisa eram os pássaros.

Subia ao de mais alto que a sua vista alcançava e daí, braços abertos, voz de trovão, começava a pregar a sua doutrina.

De princípio, as aves descreviam longos círculos em seu redor, mas, à medida que continuava a oração, elas iam apertando, para acabarem por o ouvir, pousadas a seus pés.

O Sono atirava-lhes o milho que sempre se escondia no fundo dos seus bolsos, e partia de novo ao encontro dos homens.

Pregava-lhes a fraternidade e incitava-os a pugnar por um mundo onde as guerras fossem banidas, a fome uma triste recordação e a inveja um antigo pecado mortal.

— Eh, Sono! Eh, doido!

E o Sono recolhia a casa, com o sol a iluminar, sem ser visto, escondido pela serra que acabava de calcurriar.

Deitava a cabeça nas pernas da mãe e pedia-lhe que o catasse e lhe contasse uma história de antigamente.

A mãe, às vezes, começava uma aventura em que havia homens valentes e espadas vermelhas de sangue, mas o Sono atalhava-a logo:

— Essa não. Uma de fadas...

Uma vez, prenderam-no.

A meio da única noite da sua vida em que não conseguiu pregar olho, ouviu uma voz triste e doce que, para lá das grades, por ele chamava:

— Sono...

— Mãe?

— Sim, sou eu. Não dormes, meu filho?

— Não posso...

E a mãe ficou toda a noite do lado de fora, para que a liberdade do filho, única prenda que tivera e que sabia apreciar, não fosse abalada pela solidão entre quatro paredes.

Logo no outro dia se desfez o engano.

O Sono era inofensivo. O seu partido e as suas ideias eram só dele.

Saiu e foi-se para os cumes, desta vez com os pés roxos a deixarem na neve a marca dos seus dedos.

Foi atraído pelo balir de um borrego, perdido na imensa toalha com que a natureza se cobrira. À volta do cordeiro, tremendo de frio, o lobo divertia-se, dando saltos e piruetas. O forte disfrutando o fraco, dilatando-lhe a agonia, adiando a cada momento o instante de lhe cravar no pescoço tenro os dentes afilados.

O Sono voou para onde a matança era inevitável, navalhinha meia-lua bem segura pelos dedos enregelados. Esperou que a fera o atacasse, interposto entre ela e o lanzudo. Quando sentiu sobre si o corpo morno, quando já o seu pescoço estava ao alcance da boca ávida de sangue e de carne, espetou a lâmina na barriga do monstro e abriu-lha de ponta a ponta. Um uivo prolongado fez com que a neve se desagregasse no cimo dos poisos próximos. Uma mancha vermelha, uma pasta cinzenta e uma pele escura ficaram a atestar a luta e a morte naquele sítio que, momentos antes, fora um ponto branco da alva imensidade.

Carregou com o borrego aos ombros e pôs-se a andar para casa, enterrando-se até aos joelhos a cada passada que dava.

Fez todo o caminho a antegozar o fogo que o esperava e os elogios da mãe pela acção que praticara.

Mas chegou e não viu lume. Topou com a mãe deitada atrás da porta, boca aberta a rir-se para ele. Falou-lhe e não teve resposta. Carregou o seu corpo frio e sentou-o num banco, costas de encontro à parede. Acendeu o fogo e pôs-se a contemplar a mãe, que, longe de acordar, parecia, a cada instante, embeber-se mais no adormecimento.

Esteve assim três dias e três noites. Não ouvia os berros do cordeiro que, com a fome, não se calava. A sua atenção estava toda concentrada no rosto sereno da mãe, que não parara ainda de sorrir para ele.

— Os homens são maus, não são, mãe?

E o Sono continuava feliz, com aquele sorriso de apoio que ameaçava eternizar-se.

Resolveu chamar alguém, já que ele não a conseguia despertar.

Foi à vila e contou na praça o que lhe vinha acontecendo há três dias. Olharam para ele, desconfiados. Disseram-lhe que levasse o médico. O médico foi. Empurrou a porta, olhou o cadáver enregelado, olhou para o Sono, com tristeza, e murmurou:

— Está morta.

O Sono aproximou-se da mãe. Com cuidado, passou-lhe a mão por detrás e colocou-lhe a cabeça sobre o ombro:

— Vês? Eu não te dizia para não saíres nestas noites geladas? Quiseste-me ir ver à cadeia...

ÓCIOS
DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

ENTRE cem homens casados, noventa, para não exagerar, talvez, dizendo noventa e nove, desejam, ao cabo de alguns anos de matrimónio, estar ao lado de outra mulher, que intimamente já escolheram.

*

NA mocidade, somos escravos dos nossos instintos. A maturidade amortece, ou sepulta, alguns deles, mas dá força maior àqueles que sobrevivem.

*

ENGANAR-SE-IA quem acreditasse que só o reinado do Senhor não terá fim. O da mulher também é eterno. Deus fundou o seu na verdade, e a mulher na mentira.

*

HÁ realidades que apresentam, deveras, aspectos paradoxais. Vede este: Amei uma filha de Eva, que não duvidou trair-me, porque me amava, e fui companheiro de outra, leal até à morte, porque não me tinha amor, mas amizade.

J. Alvarez Sénior

ESPECTÁCULO
RÁDIO ESTRANGEIRA

AINDA que indiferente às coisas sentimentais da vida, ou até mesmo endurecido pela desesperança, o homem dificilmente se furta às manifestações de um patriotismo muito pessoal. Não são os gritos de guerra, o passar das tropas e o agitar de bandeiras que despertam muitas vezes esse sentimento; quase sempre, são uns pequenos nadas que dignificam a Pátria e nos deixam orgulhosos dela. A sensação de prazer que sentimos nessas circunstâncias é tanto maior e mais profunda quando o motivo vem de fora, ora num gesto amigo, ora numa palavra amável, — que o autoelogio não dignifica ninguém.

Acontece também, algumas vezes, que não são precisos gestos e palavras dirigidas à Pátria, para nos sentirmos patriotas. Da última vez que esse sentimento me assaltou, teve sua origem nas ondas hertzianas... No silêncio da madrugada, alguém falava português ao norte da Europa e chamava a atenção de um ouvinte do Rossio ao Sul do Tejo, que pedira um disco.

Não, não era a B. B. C. A B. B. C. calou-se para nós, apesar de emissora oficial de país aliado. A voz portuguesa de Londres, que se fez ouvir durante dezoito anos, emudeceu de vez, não obstante o protesto sereno de alguns portugueses e até de um grupo de escritores ingleses, amigos de Portugal. Obedeceu o governo britânico a uma medida de economia, suprimindo essa emissão. Cada qual sabe de si...

Em contrapartida, podemos ouvir três emissões diárias em língua portuguesa, vindas de uma nação que, embora simpática, não tem alianças seculares connosco. Essas emissões vêm da Radiodifusora da Suécia, um dos postos mais potentes do Mundo, instalada em Estocolmo.

Um locutor e uma locutora de dicção esplêndida são artistas na condução das produções, em que jamais deixou de estar presente a beleza primacial de um programa: a simplicidade.

Gostaria de que todos os locutores portugueses, literatos e artistas tivessem escutado essa locutora — a brasileira Maria de Carvalho — na sua crónica «A mamã vai de férias», integrada no programa «Lar, doce lar». A simplicidade — uma simplicidade impressionante — tornou essa crònicazinha, que seria banal, numa página viva, bem literária, fluente, de uma beleza enternecedora. E tudo porque era simples.

Julgo que ninguém, nesse momento, seria capaz de fugir ao espectáculo dessa voz fresca e desse colorido local visto *através da locução, para ouvir falar de possíveis guerras.*

Tais emissões em língua portuguesa não conseguem de nós apenas a atenção para um passatempo útil e agradável, mas ainda este facto espontâneo: admirar a Suécia.

Lisboa, Setembro **J. França**

— BARDAHL —

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.DA
Fábrica de Conservas de Peixe
As conservas FOLQUE *são produtos de ALTA QUALIDADE*

MOTOR MARÍTIMO
VENDE-SE
Marca «ATLAS IMPERIAL», Diesel, 120 C. V., 400 r. p. m., 4 cilindros, inversão de marcha: directa, arranque a ar, estado novo (6/8 horas de trabalho).
Ver e tratar na Rua Augusta, 281-2.º-Dto. — LISBOA.

Pára-raios
Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência
Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.
Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados
Dirigir a
HELIODORO VALENTE
Telefone 21 OURIQUE

BASTA UM RÁPIDO EXAME
PARA CONHECER A SITUAÇÃO EXACTA DAS SUAS CONTAS
SIDEX
UM SISTEMA DE CONTABILIDADE EFICIENTE
SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO
AVENIDA GENERAL ROÇADAS, 74-CvFTE • TEL. 843965 • LISBOA

Sirvam-se V. Ex.as colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Em Vila Real de Santo António:
Centro Comercial de Combustíveis, Lda.
Ernesto Duarte
Gráfica do Sul
José António Ritta
Pilotos & Capa
Ramirez, Perez, Cumbrera & C.ª
Raul Folque & Filhos, Lda.
Soliva - Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.
Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.meo
V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda.

Em Olhão:
José Pedro Ladeira, Lda.
M. Rodrigues Pereira

Em Faro:
Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda.

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

Notas & Reparos

Jogos Florais em Monte Gordo?!...

Temos diante de nós, para responder, uma carta dum amigo nosso, professor do ensino secundário, oriundo da região nortenha, mas amigo sincero de muitos algarvios e apaixonado pelas coisas do nosso Algarve, a ponto de assinar quase todos os periódicos da nossa província, para estar sempre a par do que por cá se passa.

Um dos trechos da epístola a que devíamos responder, e que nos embaraça, é aquele em que nos patenteia a sua estranheza por não se realizarem, há anos, Jogos Florais na Praia de Monte Gordo, enquanto se vê que todas as praias do País, até as de somenos categoria, organizam todos os anos, com mais ou menos luzimento, os seus torneios poético-literários, cujas vantagens de vária ordem é desnecessário especificar agora. E pergunta-nos: — «Será o caso que Monte Gordo, por excepção, se tenha transformado numa estância em que predomina o veraneante ricaço materialista, destituído de preocupações espirituais das coisas belas do intelecto?!»

Posto que deveras embaraçados para fornecermos àquele ilustre amigo a explicação real da lacuna apontada, vamos tentar responder-lhe, mas preferimos fazê-lo por via destas colunas, porque assim aproveitamos o ensejo para chamarmos a atenção das pessoas a quem o caso possa interessar, com vista aos anos próximos.

Para haver Jogos Florais, há que contar bàsicamente com quatro elementos: entidade organizadora, júri, autores-concorrentes e local apropriado para a festa final. Qual destes requisitos não existe na praia de Monte Gordo?

Como local de eleição, temos o belo casino, onde já se efectuaram (há quantos anos?!) outras festas deste género, com êxito animador. Júri — Numa praia aonde acorre grande parte do escol da sociedade algarvia, não deve ser difícil reunir três ou quatro intelectuais ou individualidades competentes para formarem um júri literário. E que os não houvesse aqui (o que é incrível), iam convidar-se fora, como se tem feito noutras praias de frequência menos ilustrada e selecta. Autores de produções concorrentes ao certame, esses só pode dizer-se que *pecam* pela abundância.

Fica-nos, assim, por exclusão de partes, a entidade organizadora, quer dizer, alguém que se lembrasse de organizar os Jogos Florais e pusesse mãos à obra, interessando no assunto os restantes elementos que apontámos.

Na maioria dos casos, costuma ser organizador o próprio arrendatário do Casino, visto que as despesas são mínimas e os Jogos Florais dão ensejo a mais uma festa de brilho superior às outras, dado o seu carácter espectacular, o que só pode acarretar-lhe benefícios materiais, como em todas as praias se verifica. Noutros casos, ou é a Comissão de Turismo que toma a iniciativa, ou então aparece um grupo de particulares que se abalança ao empreendimento, movido por simples «afición» literária ou pelo brio bairrista.

Seja como for, tem de concluir-se que é este elemento — organização — que tem faltado em Monte Gordo. E porquê?

Responda quem souber.

Rescaldo burlesco duma reportagem

Por um dos nossos amigos e colaboradores, foi-nos entregue uma carta endereçada em seu nome, cujo remetente «assina», em letra garrafal: «O Atingido pelo Cliché N.º 4». Por ser matéria da nossa alçada, apesar de a «carta» versar assuntos privados do destinatário, pelo facto de terem indevidamente atribuído àquele nosso amigo a autoria da reportagem em questão, dispusemo-nos a ler o reles papelucho, e não nos surpreendeu grandemente o seu conteúdo ejaculatório de vilezas próprias de quem escreve cartas anónimas deste jaez.

O pior é que, por precipitação, a «carta», afinal, não é anónima, como o «herói» pretendia, pois contém abundantes e claros elementos de identificação do seu autor (ou mandatário). Este facto, junto ao «interessante» recheio da missiva em injúrias soezes, ameaças e vís calúnias, fornece matéria criminal para habilitar o destinatário a processar judicialmente o «anónimo» que se diz atingido pelo cliché n.º 4, (mais outro!) e que inexplicàvelmente surge agora de calças, quando era bem claro que na nossa reportagem focámos uma «matrona» de saias, sem qualquer indicação de local nem dados pessoais, e que pode muito bem não existir. Até nos apetece chamar a esta «Nota» o cliché N.º 5...

A fim de não darmos a este triste incidente maior projecção do que a merecida, aconselhámos aquele nosso amigo a que benèvolamente desse ao impertinente «anónimo» uma oportunidade de medir o alcance da sua feia acção e se limitasse, por agora, a pegar no «papel» com uma tenaz e ir depositá-lo no vazadouro mais próximo, tapando bem, por causa das emanações mefíticas...

Parece-nos que é a melhor solução, e desde já fica servindo de aviso para outras «damas» e «cavalheiros» bem «inducados», que também tenham enfiado a carapuça e resolvam escrever-nos sob anonimato.

Quanto ao nosso amigo, trata-se dum caso particular e ele fará o que entender.

O "Dia do homem do mar" foi celebrado em Lagos

com grande luzimento

LAGOS — Aproveitando a celebração da festa de S. Gonçalo, patrono da cidade e da classe marítima, realizou-se o «Dia do homem do mar», promovido por uma comissão de mestres de pesca, a que prestou a sua ajuda a Casa dos Pescadores e a Junta Central destes organismos. A festa começou com Missa ao ar livre, celebrada pelo prelado da diocese, sr. D. frei Francisco Rendeiro e com a assistência das principais individualidades e autoridades da província e muito povo, em que predominava o elemento piscatório. Ao Evangelho, o prelado fez uma prática exaltando o pescador e lançou a bênção ao mar.

Realizou-se depois um almoço de confraternização de mestres, pescadores e armadores, ao qual presidiu o sr. D. frei Francisco Rendeiro, tendo-se sentado em lugares especiais os mais velhos pescadores da cidade que ainda se encontram ao serviço e que são: João Agostinho, Jaime da Silva, de 76 anos, natural da Luz; José Domingos, de 70 anos, do Burgau; Manuel Boto, de 72 anos, de Salema e Venâncio de Sousa Mó, de 71 anos, de Sagres.

Discursaram, na altura própria, os srs. Fernando da Silva, mestre da traineira «Gracinha»; comandante Joaquim Cabeçadas Silva Reis, capitão do porto; pároco de Lagos; Armando Ascensão, pelo Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha e D. frei Francisco Rendeiro, tendo todos enaltecido os serviços que à pesca e aos homens do mar tem prestado o sr. comandante Henrique Tenreiro. Este encerrou os brindes, congratulando-se por verificar o bom entendimento que havia entre todos os homens do mar e afirmando que nunca lhe fora apresentada uma pretensão, que não a estudasse com o espírito de lhe dar solução.

Aos pescadores mais velhos foram impostas medalhas de mérito pelo sr. bispo do Algarve.

À tarde efectuou-se a procissão de S. Gonçalo, na qual tomaram parte os estudantes das Casas dos Pescadores de todo o País e dos Grémios da Pesca, assim como da Mocidade Portuguesa. Milhares de pessoas acompanharam o cortejo, que foi abrilhantado pela banda dos pescadores da Caparica e fanfarra dos alunos da fragata «D. Fernando».

O mau tempo impediu que se realizassem as regatas de vela.

Funcionalismo público

Está aberto concurso documental para provimento do cargo de médico municipal do primeiro partido do concelho de Silves, com sede e residência na mesma cidade.

— O sr. dr. Vítor Manuel Lopes de Sá Pereira, delegado do procurador da República, interino, da comarca de Tavira, foi nomeado definitivamente para a mesma comarca.

— Está aberto concurso para provimento do lugar de segundo-oficial da Câmara Municipal de Faro.

— O sr. Mário Samúdio, piloto provisório da corporação de pilotos da barra de Vila Real de Santo António, foi nomeado piloto efectivo da mesma corporação.

Entrevista com a centenária

D. MARIA BÁRBARA

Conclusão da 1.ª página

anos, de Joaquim Viegas da Silva, mais conhecido por Joaquim Galante. Tem treze filhos; o mais velho conta presentemente 75 anos, está alquebrado e aparenta mais idade que a mãe. Tem 12 netos, oito bisnetos e um trineto. Ainda enérgica, lava a sua roupa e sobe a escada que dá para a açoteia, para a estender. Levanta-se sempre às 9 horas e deita-se muito tarde, nunca antes da meia-noite.

Apesar da sua avançada idade, não lhe falta o apetite. Tudo lhe sabe bem. Depois das uvas e do pão, começou a debicar umas bolachas e teve este desafogo, com certa comoção:

— Se não fosse a minha filha, já tinha morrido; ela é uma mãe para mim... Se fosse uma nora, ai... onde estaria eu a estas horas!

Nos seus tempos de solteira, a sr.ª Maria Bárbara tinha veia poética e pedimos-lhe que nos dissesse os seus versos. Recordou-se de alguns que, com ar de satisfação, declamou com certa graça. Sempre disposta a cavaquear, pediu-nos que voltássemos para o ano, por ocasião do seu aniversário, pois tem satisfação em que todos saibam que ainda é viva. Com votos de felicidades, deu-nos um abraço e sugeriu que no próximo ano lhe tirássemos outro retrato, para os leitores verem a sua cara na «gazeta». Quando nova, lia um jornal com este título. — *J. G.*

NECROLOGIA

Faleceram:

Em TAVIRA — a sr.ª D. Maria Catarina Santos, de 82 anos, viúva, mãe dos srs. António Rodrigues dos Santos, comerciante e José Rodrigues dos Santos, funcionário da Tesouraria da Fazenda Pública, de Faro, e irmã do sr. brigadeiro Eduardo José Santos.

— o sr. João José Peres, de 82 anos, viúvo, marítimo, pai da sr.ª D. Isabel Maria do Livramento Peres Jara e do sr. Raúl António Peres, empregado na Companhia Portuguesa de Pesca. Os nossos sentidos pêsames.

Na COSTA DA CAPARICA — a sr.ª D. Bárbara Ribeiro Esperança da Cruz, de 75 anos, viúva natural de Vila Real de Santo António, mãe da sr.ª D. Rita Cesária Esperança da Cruz Lobo Brandão.

Em ALMADA — a sr.ª D. Teresa de Jesus, de 83 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, mãe da sr.ª D. Maria Teresa e dos srs. António Felício e Joaquim Vitorino Felício.

Em LISBOA — o sr. Jorge Augusto das Neves, de 47 anos, fotógrafo, natural de Vila Real de Santo António, pai da sr.ª D. Maria Lúcia de Oliveira Neves.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

POSTAL DE LISBOA

Meu caro amigo!

Saúde e felicidades é o que sinceramente te desejo. Nós cá vamos arrastando o fardo da vida, nesta Lisboa cada vez mais cosmopolita, cada vez menos nossa.

Dizem que Lisboa é velha, mas parece-me que se enganam os que tal afirmam, pois, embora se desconheça a data certa da sua fundação, ela de dia para dia se remoça, enfeita-se com mil e um arrebiques, como se fora menina casadoira, garrida e taful.

A sempre-noiva do Tejo tem todos os dias algo de novo para contar, alguma coisa para mostrar.

Vão caindo em desuso velhos hábitos, os pregões vão desaparecendo, a pouco e pouco, entrando para os velhos baús da história; já raro se houve a «mulher da fava-rica». Apenas num ou noutro dos bairros mais pobres e pacatos ainda se vêem e ouvem, de vez em quando, as varinas apregoando a «viva da coósta», ou o «pitrolino» faz a sua aparição e uma vez por outra a mulher dos caracóis.

Desapareceram, há muito, o «Menino do Castelo», o Cauteleiro Fardado e os cafés de «pirilampos», mas em seu lugar surgiram as esplanadas, nas Avenidas e nos bairros novos e elegantes.

Onde vão já os discursos do «Pinheiro Maluco», e o «Pirilau» tocador de pífaro?

Em compensação, temos, para substituir as manas «Perliquitetes» e a cabeleira do sr. Daupias e a sua lapela florida, a indumentária exótica e por vezes espampanante dos turistas estrangeiros que com frequência nos visitam.

Das velhas ruas da Mouraria, o camartelo urbanista se tem encarregado de as ir demolindo a pouco e pouco.

O velho e glorioso teatro Apolo agoniza, nos últimos estertores da morte, deixando em todos nós um travor de amargura e saudade.

A Cesária, a Severa e o seu fado, bilhetes postais de uma Mouraria, peça teatral dos nossos tempos de mocidade, e bairro característico de uma Lisboa romântica, com canções fadistas de boémia, laivos de generosidade e fatalismo, vão desaparecer nas ruínas do velho teatro da Rua da Palma. Os actores famosos que ali tiveram as suas noites de glória deixaram de fazer ouvir as suas vozes.

O «Mota da guitarra» calou de vez a banza e deixaram de se ouvir os trinados do «rigoroso» ou dos «dois tons».

A Lisboa velha, Lisboa fadista e romântica, vai desaparecendo aos poucos; em seu lugar, surge uma nova Lisboa, de grandes avenidas, de prédios majestosos, em que muita vez se mistura o luxo e o mau gosto, numa arquitectura que não é nossa, mas que dizem ser moderna, e vai matando a velha arquitectura das casas velhinhas onde a saudade ainda mora.

É isto, meu caro, o que por ora te posso contar.

Abraça-te o amigo de sempre,

José Martins

TABACO E CANCRO DO PULMÃO

NO último número da revista «Viver», que acabamos de receber, destaca-se um artigo que merece atenção.

Entre 1933 e 1953, nos Estados Unidos, o consumo de cigarros aumentou de 100.000 milhões para 400.000 milhões; no mesmo período, o número de cancros do pulmão quadriplicou entre os homens e duplicou entre as mulheres, o que parece estabelecer relação entre causa e efeito.

As vítimas, no ano de 1953, elevaram-se a 18.400 homens e 3.600 mulheres, isto nos Estados Unidos; em Viena, segundo o cientista Kretz, morre uma pessoa em cada doze horas, vitimada pelo cancro do pulmão.

Outro cientista, de Dresde, dr. Grosse, admite que 1 de cada 8 grandes fumadores adquira a doença; entre os fumadores em geral, a percentagem é de 1 para 16.

Por último, o dr. Graham, de Saint Louis, obteve cancros experimentais em ratas adultas, por meio de fricção na pele com a massa que o tabaco deixa habitualmente nos filtros e boquilhas.

Deixamos posto o problema tal como os cientistas o apresentam e será de desejar que todos encontremos a força de vontade necessária para reagir contra tal ameaça.

Aos interessados no problema, o editor da revista «Viver» enviará, gratuitamente, uma separata do referido artigo, que deve ser pedida para a Avenida 28 de Maio, Lote ABC, Lisboa.

A FABRICA PORTUGAL

tem a honra de apresentar o melhor e o mais económico colchão de molas do mundo

EPEDA

com o seu famoso molejo de um único fio de aço indeformável e indestrutível.

INDIFERENTES AO TEMPO E AO USO

SEM NÓS NEM PONTAS DE ARAME • SEM DESGASTE INTERIOR • EXTRAORDINÁRIA RESISTÊNCIA A PRESSÃO • CONFORTO IDEAL • SEMPRE FOFO E ELÁSTICO • SILENCIOSO • HIGIÊNICO • AMOLDA-SE SUAVEMENTE A QUALQUER POSIÇÃO DO CORPO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

EM LISBOA:
FABRICA PORTUGAL
RUA FEDO MONIZ • RUA DA GRAÇA
PRAÇA DOS RESTAURADORES

NO PORTO:
JOÃO TOMAZ CARDOSO & FILHO, Sucrs. LDA.
RUA SÁ DA BANDEIRA, 92

JORNAL do ALGARVE

Os problemas da concentração urbana e da habitação

Conclusão da 1.ª página

contribuição industrial do Algarve, e que não foi ainda considerado, a despeito destes valores, digno de ter uma escola técnica. Evidentemente que falhas desta natureza têm forçosamente repercussão na massa populacional não só dos centros mais importantes como daqueles que gravitam na sua órbita. E como todos legìtimamente aspiram a uma vida melhor, é curial que os pais e os próprios filhos tomem a iniciativa de procurar o ambiente que lhes oferece mais possibilidades de satisfazer as suas humanas aspirações. Daí a fuga para a cidade, estimulada pelas crises periódicas de trabalho.

O problema não é só nosso. Preocupa grande número de países, sobretudo aqueles onde a indústria se concentro nas grandes cidades. Ainda há poucos dias, e baseando-se na falta de habitações em Madrid, o governo espanhol publicou um decreto determinando que só possam trasladar para a capital espanhola a sua residência as famílias que provem ter ali alojamento adequado, proibindo-se todas as empresas de contratarem pessoas que à data da publicação do decreto não residam em Madrid. Temos de concordar que é um processo draconiano de pôr termo ao desenvolvimento da concentração urbana, mas não há dúvida de que tudo, inclusivè a própria segurança e sobrevivêneia de uma nação, impõe que se limitem as dimensões populacionais e fabrís dos grandes formigueiros humanos.

Mas o processo mais racional de evitar esse apavorante fenómeno do urbanismo é criar condições económicas, salubres, habitacionais e pedagógicas às populações nativas.

Quanto à habitação, está o sr. ministro das Corporações confiante em que no próximo ano será possível conceder aos beneficiários das Caixas de Previdência empréstimos amortizáveis em vinte anos, para a construção ou beneficiação das suas casas, concedendo-se também empréstimos, nas mesmas condições, às entidades patronais, para a construção de habitações destinadas aos seus empregados e assalariados. Esperemos que estas medidas entrem no campo prático da execução. Se há localidade algarvia onde o problema habitacional tenha alcançado uma acuidade angustiosa, essa é precisamente Vila Real de Santo António. Enquanto se construíram bairros em Olhão, Faro, Portimão, Fuseta e outras terras, na citada vila apenas se edificou um pequeno bairro municipal, que nada resolveu. Mas, quanto ao caso particular de Vila Real de Santo António, há que encarar (e isto é com o Município), antes de se continuar a aumentar o seu perímetro, a substituição das «montureiras» e casas abarracadas por prédios mais volumosos, sob pena de dentro de poucos anos o orçamento do Município não chegar para a conservação das calçadas, das redes de água e de esgotos e da limpeza das ruas.

Proporcionar casa, sobretudo promover o indivíduo a proprietário da sua casa, é já uma maneira de contrariar a fuga para os grandes centros. Mas, para o fixar definitivamente ao torrão natal, há que lhe garantir trabalho regular e recursos educacionais para os filhos. De outro modo, Lisboa continuará a crescer exageradamente e a concentrar em si o maior quinhão do potencial fabril do País. E todos pressentem os inconvenientes de alojar numa cabeça todo o património de uma nação. Sete cabeças tinha a Hidra de Lerna, e de um só golpe Hércules as ceifou. Menor esforço empregaria, se em vez de sete tivesse que decapitar uma.

"O Teatro de Arte do Brasil"

VOU referir-me, embora ligeiramente, ao grande acontecimento teatral da temporada que findou: — A actuação do teatro de Arte do Brasil.

Ficar calado acerca desta grande parada de arte seria mais que injustiça, seria ingratidão.

Sandro Polónio impôs-se em Portugal por muitas razões, das quais salientarei duas, as que se me afiguram mais importantes: — o alto nível da interpretação e a actualidade dos assuntos focados em todas as peças, sem excepção.

Nós vimos, vimos e rejubilámos com todas as interpretações, desde Maria della Costa a Luís Tito. Foi com alegria que notámos a ausência, o que poucas vezes acontece em companhias portuguesas, de actores que, em vez de interpretar, isto é, sentir, viver, assimilar, sob todos os aspectos, a figura que incarnam, despejam «papéis», mais ou menos interrompidos pelo ciciar ronco, vindo da caixa de ponto. Nas peças em cena desde «Moral em Concordata» à «Rosa Tatuada», não ouvimos gritinhos histéricos que, por serem canónicos, permitem a antevisão de desmaios barulhentos, nem por lá apareceu nenhum actor tentando crescer, pondo-se em bicos de pés, gesticulando de maneira descomunal, persuadido de que convence o público de que está irado.

Outro aspecto não menos relevante que observei, e que é muito importante para a realização de bom teatro, foi a actualidade dos temas, uma actualidade viva e palpitante.

Poder-se-ia interpretar, em virtude desta última afirmação, que quem escreve não concorda com a representação de temas históricos. Nem por sombras pensá-lo, quanto mais escrevê-lo. O que é impróprio é levar à cena temas cediços, com a convicção de que se trata de assuntos com actualidade.

Termino este curto apontamento, fazendo votos para que o Teatro de Arte do Brasil sirva de exemplo.

Fernando Honrado

MORADIA

A Direcção da Casa dos Pescadores de Tavira recebe propostas até 19 do corrente mês, para o aluguer mensal, a partir de 1 de Novembro, da moradia sita na Rua 31 de Janeiro n.º 32, desta vila.

UMA CARTA sobre problemas locais

Conclusão da 1.ª página

rada. Um aquário, por exemplo, parece-me ideia de aproveitar, dadas as condições excelentes da localidade para uma iniciativa destas. Enfim, outras podiam e deviam estudar-se. Depois, é de lastimar que a vila não tenha filhos com iniciativa e coragem para organizar um campo de actividade industrial de carácter diferente. O Marquês de Pombal parece não ter pretendido limitar a sua pupila ao comércio das pescarias. Em tempos, o conselheiro Frederico Ramires tentou montar a indústria de lanifícios e ignoro se mais alguém pensou em montar novas fontes de labor e riqueza. Todos esperam pela época do atum e da sardinha e nada mais, desafortunadamente, sabem fazer. E' assim como a aranha, que espera pela mosca que lhe há-de cair na teia.

Aqui no concelho onde vivo, todos têm trabalho e, portanto, todas as casas têm pão, o que aí não sucedia, pelo menos no meu tempo. Há, sim, aqui muitos patrões com falta de trabalhadores e o desemprego é ideia que não aflige ninguém. Isto deve-se ao facto de se terem criado e instalado novas indústrias, que se encontram dispersas por toda a região saloia. Um amigo meu montou uma fábrica de seringas hipodérmicas e tem feito uma fortuna. Há fábricas de cartão canelado, de papel, bidons, cabos eléctricos, sarcão, embalagens metálicas e dezenas de outras, que me é difícil enumerar. São fontes de trabalho contínuo e pão garantido para centenas e centenas de operários e trabalhadores. Deus fez o Universo, os holandeses a Holanda e, assim, que sejam os vilarrealenses que façam a Vila Real de Santo António mais bela e mais nobre.

Oxalá o apelo deste nosso conterrâneo, que sabemos ter criado, na aldeia onde se fixou, para recuperar a saúde, uma interessante indústria, seja ouvido por aqueles que se julguem aptos a valorizar a sua terra e implìcitamente a sua situação económica!

Saudosismo musical, ou... *verduras dos "ritmos" actuais?!*

Conclusão da 1.ª página

— passe a classificação — começo a ter receio de ser atacado da moléstia do imperativo íntimo de escrever, o que pode certamente representar ameaça desagradável para os meus possíveis leitores. No entanto surgem pequenos nadas na fenomenologia da vida onde vegetamos, que volta e meia nos solicitam no sentido de exteriorizar a nossa humilde opinião. Exteriorizar porquê? Porque não: ver, ouvir e calar? E' talvez o sintoma da tal necessidade de escrever? Escrever, não para impor o nosso critério, a nossa forma de interpretar a vida, as coisas, os factos, mas pelo receio de encerrarmo-nos com as nossas impressões e maneiras de ver, possìvelmente erróneas, convencidos ìntimamente de que atingimos inteligentemente o verdadeiro conceito que as palavras de alguém, as acções ou obras de quem quer que seja, merecem, isolando-nos satisfeitos com a nossa consciência, o que pode equivaler, às vezes, a tomar um banho espiritual num ambiente poluído de germes de má vontade, de instinto de defesa contra quem tem porventura razão. Isto porque o nosso espírito, mesmo bem intencionado, pode, muito humanamente, obliterar-se uma por outra vez, induzindo-nos em erro.

Pensando assim, venho, humildemente, protestar contra... contra a lamentável evolução de uma das mais brilhantes facetas da vida social: a da música! Bisneto, neto e filho de professores de música, é natural que este aspecto da arte me prenda a atenção, desde as suas manifestações mais singelas, fàcilmente acessíveis para mim, até às monumentais orquestrações de Wagner ou de Stravinski, embora, para compreender estes colossos da música, não baste a simples vocação ou bom ouvido, mas uma grande acuidade de atenção e muito interesse em compreender os processos, durante anos e anos.

Sucede-nos, porém, ao fazer qualquer referência a produções dos gigantes citados, ou de outros seus pares, assobiar levemente, trautear quase inaudìvelmente um trecho de ópera, ou de qualquer sinfonia, sem intenção propositada, mas como involuntária reflexa de reminiscências deste ou daquele espectáculo em S. Carlos ou no Coliseu, ou de qualquer serão de arte a que assistimos durante 55 anos, prendendo-nos com apaixonada atenção — tanto basta para sermos pela rapaziada hodierna, e até mesmo por senhoras, acusados de «snobismo musical»!

Se nos perguntam, e não conhecemos, esta ou aquela canção de «bar» americano, melopeia sensaborona ou estridente, barulhenta, sem leveza ou elegância musical, somos «bota de elástico»... Não distinguir logo a voz dum dos muitos cantores da Emissora Nacional, onde, diga-se de passagem, têm aparecido ùltimamente algumas boas promessas para a arte nacional; não apreciar, em êxtase artístico, a *Grande Amália* nos seus inúmeros fados, alguns deles simples lamúrias musicais, é ser... «do outro século!» Mas esta afirmação, devo dizê-lo, está absolutamente certa. Sou bem do século passado! Pois se já me têm perguntado: «V. ouviu ontem aquele ritmo na emissora tal?». — «Ritmo, quê?» — «Um ritmo, o ritmo...» e mais não explicam. Estes infelizes, que só agora, parece, sabem que existe o ritmo, têm-se feito homens numa época de ostracismo musical, ignorando que o ritmo existe em toda e qualquer produção musical, mais ou menos clássica, mais ou menos vulgar. O ritmo é velho como o Tempo, como o Mundo! Marcou-o logo a primeira ave que sulcou os ares; ritmo mais ou menos epiléptico tinham as canções selvagens dos faunos através dos bosques, para atraírem as ninfas que fingiam fugir-lhes... Ritmo! Ritmo no trote e no galope dos cavalos, por vezes rigorosamente matemático. Com ritmo vagaroso, fende o pescador, com seus remos, a água do nosso lindo Guadiana, em noites de luar, quando muda de pesqueiro, levado pelo seu espírito romântico, sem quase de tal se aperceber, olhando os pequeninos relâmpagos que a lua arranca a cada bolhinha de água, que as pás dos remos vão atirando em fugaz turbilhão! O ritmo vão apreciá-lo ali na oficina dos nossos amigos Bentos, e, só com ele, rigoroso, preciso, conseguem três ou quatro malhadores, a escorrer suor, as faces iluminadas por clarões infernais, dar forma artística a um troço de ferro ígneo, informe, transformando-o numa bela âncora — o simpático símbolo da Esperança! Descarregam os seus pesados malhos, alternadamente — a atenção presa daquela música, hino de trabalho: tim, tão; tim, tão, tim.

Bela coisa o ritmo, meus meninos do momento musical que passa, tão diferente dos «Momentos Musicais», de Schubert!

Ritmo da vida, ritmo do nosso coração, não te percas, deixa-nos ainda viver um pouco!

Este desafogo, destituído de interesse, quase uma involuntária defesa do meu modo de sentir e pensar em música, foi-me sugerido pela leitura dum artigo de Walter Wildhagen, há dias publicado no «Diário de Lisboa», no qual, depois de uma inteligente crítica a propósito das «doenças» da música actual, anuncia, em palavras cheias de fé e de viva esperança, a reacção que na Alemanha se vem desenhando nos vários sectores da música instrumental e coral. Oxalá este fenómeno ganhe a maior grandeza, para nobilitação da mais sublime das artes!

Álvaro Guerreiro

RELÓGIO ACHADO

No quartel da Guarda Fiscal, desta vila, encontra-se depositado um relógio de pulso, de homem, que foi achado junto ao Casino da Manta Rota e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Não me peças que te conte
A causa da minha mágoa.
Quem passa bebe da fonte
E deixa correr a água.

XIS

Também na cozinha se pode ser artista

Tigelas vegetarianas — Ingredientes: 500 grs. de nabos e 4 cenouras. Cozem-se os nabos e as cenouras. Passam-se os nabos pela máquina e cortam-se as cenouras aos quartos. Ao puré dos nabos junta-se-lhe uma colher de manteiga e outra de farinha de trigo. Passam-se as cenouras levemente por manteiga. Depois de preparados os nabos e temperados, enchem-se umas pequenas tigelinhas de porcelana ou vidro próprias para ir ao forno, devidamente untadas com manteiga. No meio de cada tigelinha espeta-se um quarto de cenoura e metem-se as tigelinhas no forno a cozer e servem-se.

Defesa da batata armazenada

Esteja atento à batata armazenada! A traça, introduzida no nosso país através da batata estrangeira, é muito temível. Pequena borboleta de 10 a 15 milímetros, parda e pintalgada de escuro, põe numerosos ovos de que saem larvas escuras e extremamente vorazes, roendo a batata e a batateira, especialmente aquela, durante a armazenagem. A defesa consiste em polvilhar o tubérculo em armazém com D. D. T. 10%, à razão de 1.500 gramas por tonelada, ou então entremear a batata com folhas de eucalipto.

Cuidado com os pintos!

A criação dos pintos exige cuidados perseverantes. Para não perder a ninhada e não sofrer prejuízos sensíveis, duas condições são importantes, quer se trate da criação natural ou da artificial: Conservar os pintos em boa higiene e num ambiente seco e não infeccionado; arraçoá-los com alimentos assimiláveis e nutritivos, primeiro com regra, depois abundantemente.

Regras alimentares para a velhice

A alimentação na velhice é da mais alta importância. Os velhos devem alimentar-se principalmente de verduras, frutas, legumes e ovos, além de quantidades menores de leite e carne, esta de preferência picada ou passada na máquina.

E' de boa regra a substituição de alimentos duros, como o pão, por outros de menor consistência, como as massas, purés, etc.

Há muito quem se queixe de más digestões. Essas pessoas geralmente engolem os alimentos como se a Natureza lhes não tivesse dado dentes. Comer devagar e mastigar bem; de outra forma, não se assimila a comida.

O doce nunca amargou

Doce de figo — Descascam-se 12 figos moscatéis, conservando-lhes a forma e pondo-os no centro da compoteira. Descascam-se igualmente 12 bananas, que se partem em duas partes ao comprido, e em duas partes no sentido transversal, colocando os pedaços das bananas entre os figos. Regam-se com meio decilitro de *curaçau*, pondo-se na geleira durante uma hora.

Ao servir-se, deitam-se, por cima dos frutos, natas frescas, que devem estar na geleira, polvilhando-se com açúcar.

Como eles pensavam

Quanto mais se agrada em geral, menos se agrada profundamente. — *Stendhal*

*

E' sempre vil e desonroso caluniar quem é desgraçado. — *Napoleão*

*

As dores da vida devem consolar-nos da morte. — *Sócrates*

*

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infortúnio tem a sua fisionomia particular. — *Tolstoi*

E agora não ria!

O pai: — Olha, rapaz, os teus estudos estão-me custando muito dinheiro!...

O filho: — Eu sei, pai. E ainda eu não sou dos que estudam muito, veja lá...

ATUM
SARDINHA
ANCHOVAS
CAVALA
BONITO
CARAPAU

Capa
Neptuno
Dois Garotos
Guadiana
Estátua
Juventude

PRODUTOS E MARCAS DE
PILOTOS & CAPA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SENHORES LAVRADORES:

Aproxima-se a nova campanha cerealífera e, como sabeis, o êxito das vossas culturas começa por depender do emprego de sementes boas e sãs.

A escolha das variedades mais adequadas pertence-lhe, Sr. Lavrador, mas a defesa sanitária das sementes pertence ao

TRITISAN

Desinfectante especial a seco para combater a CÁRIE ou FUNGÃO do trigo

TRITISAN — NÃO É VENENOSO
TRITISAN — É 100 % EFICIENTE
TRITISAN — É MUITO ECONÓMICO

Acaba de chegar uma remessa da Alemanha, estando o seu fornecimento assegurado

Exija sempre **TRITISAN** com a marca

HOECHST

À venda nos Grémios de Lavoura, agentes regionais e nos distribuidores em Portugal

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, L.DA

LISBOA, Rossio, 102 — PORTO — PAMPILHOSA